

_____. *Modernity: an Unfinished Project*; in: BENHABIB, Seyla; PASSERIN D'ENTRÈVES, Maurizio. *Habermas and the Unfinished Project of Modernity*. Cambridge, MIT Press, 1997.

_____. *O Discurso Filosófico da Modernidade: Doze Lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Teoria do Agir Comunicativo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, 2v.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.



O CONCEITO DE FUNDAMENTAÇÃO ÚLTIMA NA FENOMENOLOGIA DE MAX SCHELER

Daniel Branco¹

RESUMO

O presente artigo busca investigar, tendo como fonte primária a obra *A posição do homem no cosmos*, o conceito de fundamento último na fenomenologia de Max Scheler. Não querendo ser exaustivo, mas introdutório, este trabalho trará à lume a reflexão de Scheler sobre a metafísica e a implicação do seu conceito inovador, o qual rejeita o conceito clássico de fundamentação última, para a sua fenomenologia, antropologia e cosmologia. A primeira seção tratará do seu conceito de alma. A segunda seção estudará o seu conceito de corpo (*anthropos*). A terceira seção, por sua vez, investigará, de forma introdutória, o seu conceito de fundamentação última. A quarta e última seção buscará estudar a relação entre o seu conceito de metafísica e a sua fenomenologia.

Palavras-Chave: Fundamento; Mundo; Corpo; Alma; Fenomenologia.

THE CONCEPT OF ULTIMATE FOUNDATION IN THE PHENOMENOLOGY OF MAX SCHELER

ABSTRACT

This paper analyzes Max Scheler's concept of "ultimate foundation", using as the primary source his masterpiece *The Position of Man in the Cosmos*. Without the intent of being exhaustive, but rather introductory, this work presents Scheler's reflection on metaphysics and the implication of his innovative concept that rejects the classic concept of ultimate foundation for his anthropology, phenomenology, and cosmology. The first section addresses his concept of "soul". The second examines his concept of "body" (*anthropos*). The third, in turn, analyzes the concept of ultimate foundation. The last section examines the relationship between his concept of metaphysics and his phenomenology.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Keywords: Foundation; World; Body; Soul; Phenomenology.

Introdução

Este artigo tem como finalidade investigar, a partir da obra *A posição do homem no cosmos* (1928), a interpretação que o filósofo alemão Max Scheler (1874-1928) dá ao conceito de fundamento último ou metafísica da filosofia clássica e, assim, descobrir quais as implicações dessa peculiar interpretação do autor para a sua antropologia, fenomenologia e cosmologia, haja vista os estudiosos da ética material de Scheler necessitarem desse conhecimento para melhor compreenderem o porquê da crítica do mesmo à filosofia moral de Kant (1724-1804). Como o maior objetivo deste artigo não é o de tratar da filosofia moral de Scheler, se falará indiretamente do assunto, visto o intuito do trabalho ser o de, tratando da metafísica e temas a ela relacionados. Conforme Volkmer:

A ética é o interesse prático, de onde brota e onde culmina a filosofia de Scheler. A antropologia é o interesse mais essencial, que vem a fundamentar a ética. Tal como a metafísica está para a física, assim a antropologia está para ética numa posição de fundamentação; em ordem de manifestação, porém vem primeiramente a questão ética (2006, p. 122).

Destarte, também se poderá compreender melhor a relação de Scheler com os fundamentos metafísicos do mundo pré-moderno e com a fenomenologia de Husserl (1859-1938). Tudo o que for dito, entretanto, o será na intenção de ser introdutório e não de ser exaustivo. A relevância das presentes linhas, no entanto, se fará valer por, a partir da investigação realizada, abrir o espaço para que as ideias de Scheler sejam posteriormente melhor aprofundadas.

Na primeira seção, será abordado o conceito de alma desenvolvido pelo autor, traçando um paralelo com noção empregada pela filosofia tradicional. A segunda seção buscará investigar a sua ideia de corpo ou, mais especificamente,

de homem (*antropos*). A terceira seção estudará, de forma introdutória, o significado da ideia de fundamento último para Scheler. A quarta e última seção, por fim, aprofundando o conceito de metafísica do autor, terá como intuito expor algumas consequências dessa ideia para o estudo da fenomenologia.

Alma

Max Scheler afirma a existência da alma e do corpo. Porém como ele compreende a alma? E como compreende o corpo? Será como os metafísicos do passado? Tem ele o mesmo conceito de fundamentação última dos antigos? Se sim, o que há de novo em sua investigação? Se não, há alguma relevância em seus argumentos?

Scheler não entende alma como a tradição cristã. Para o filósofo alemão, a alma não está para além do corpo, mas unida a ele. Isto porque o homem não é entendido por Scheler apenas como um ser composto de corpo, senão um ser que está em constante desenvolvimento, um ser ativo e indefinido.

Como saber então o que é alma para Scheler? Talvez essa não seja a pergunta correta. É preciso, se se quer compreender qual o real entendimento do autor acerca desse assunto, saber que, por o homem ser indefinido, a alma existe na dinâmica entre aquilo que ele constrói visível e invisivelmente.

Sendo o ser humano diferente dos vegetais e dos animais, o mesmo não é contrário a eles, uma vez que Scheler afirma que mesmo o homem tem semelhanças com o vegetal. O mundo, pois, não é uma desigualdade, senão uma harmonia, uma unidade, sendo que todos os seres nele existentes se completam:

Um ser ‘espiritual’ não está mais vinculado a pulsões e ao meio ambiente. Ao contrário, ele está muito mais ‘livre do meio ambiente’, e, como gostaríamos de dominá-lo, ‘aberto para o mundo’; tal ser espiritual tem ‘mundo’. Além disto, ele consegue elevar à dignidade de objetos os centros de ‘resistência e de reação de seu meio ambiente, centros que também lhe

são dados originariamente, enquanto o animal não possui nada além destes centros e neles se perde *ekstáticamente*. Por fim, um tal ser espiritual pode apreender em princípio *por ele mesmo o modo de ser* destes objetos, sem a restrição que este mundo objetivo ou seus dados experimentam através do sistema pulsional vital e das funções e órgãos sensoriais que se apresentam previamente neles o ‘portador’ de espírito é aquele ser cujo trato com a realidade exterior assim como consigo mesmo se inverteu em um sentimento dinamicamente oposto ao do animal com a inclusão de sua inteligência (SCHELER, 2003, pp. 36-37).

Não há, portanto, a natureza “pronta”, acabada, fora do homem, assim como não há um homem “pronto”, acabado, fora da natureza. O mundo é um processo de criação mútua. É na atividade e não na estaticidade que ele existe. Como não pode haver um “antes” ao homem, também não pode haver um depois ou, em outras palavras, assim como nada é por si só, também nada se completa posteriormente ao seu início (SCHELER, 2003, pp. 36-37).

Se tomarmos a ideia de que a essência da humanidade é a sua indefinição, então o conceito de alma em Scheler se torna não por demais problemático. A alma do homem pode ser entendida como o espaço no qual ele exerce a sua atividade na natureza, como co-criador e coparticipante da mesma. Visto que o homem é corpo, mas também é impulso, é atividade, então, uma há realidade que pode ser definida por “corpo”. Pois, se assim o fosse, faria do mesmo algo acabado, concluído.

Antropos

O que é, pois, corpo para Scheler? Pode-se dizer que corpo é apenas a junção dos cinco sentidos? A resposta não é tão simples, porém não inconclusa. O corpo, para Scheler, não pode ser visto como uma realidade que está fora do desenvolvimento do mundo. Ele é co-participante do seu desenvolvimento e, por

isso, também é um processo. Não sendo estático, é movimento junto com o movimento de tudo o mais:

Seu entendimento e seus instrumentos e máquinas propiciam cada vez mais o ócio livre para a contemplação de Deus e para o amor a Deus. Esta é, portanto, a única coisa que consegue justificar a cada vez seu entendimento e sua obra, a civilização: o fato de eles tornarem seu ser cada vez mais permeável ao espírito e ao amor que possuem em todas as suas agitações e em todos os seus atos - como pedaços retirados de uma curva e então reunidos - a direção para algo que tem o nome ‘Deus’ (SCHELER, 2003, p. 109).

Se o homem não é totalmente diferenciado dos animais e dos vegetais, embora também não exatamente igual aos mesmos, então não há por que Scheler compreender Deus apenas como uma revelação dada ao homem. Para o filósofo, Deus é conjunto da vida ativa que se desenvolve na humanidade, na vida animal e na vida vegetal. Ele não é uma realidade estática, mas dinâmica.

Essas ideias de Scheler sobre Deus, religião e metafísica parecem fazer da religião conhecida um absurdo e clamam por sua racionalização. Ele também repudia a metafísica histórica, que considera irrelevante, e propõe uma metafísica que, negando a sua própria história – pelo menos, a história da metafísica no ocidente -, e ainda, podendo fazer de Deus um ser fraco, incapaz de livrar os homens dos seus problemas mais aterrorizantes, gera o problema: ela, a saber, essa metafísica, deve, por causa desse mal-estar que tais ideias podem causar, ser rejeitada? Scheler afirma que deve ser a razão e não a superstição, uma emoção despida de sentido, que deve ser a força motriz do homem, pois o espírito dá a capacidade de o homem ser pensamento e não força bruta:

No lugar daquela ligação do homem com a divindade que se encontra distanciada de maneira meio infantil, meio frágil, tal como ela é dada nas ligações objetivantes e, por isto, desviantes que são características da contemplação, do louvor, da oração que estabelece um pedido, nós colocamos o ato elementar da entrega pessoal do homem à divindade, a auto-identificação com a direção de seus atos espirituais. A realidade derradeira do ser que existe por si não é passível de objetivação - tampouco quanto o ser de uma pessoa estranha. Só se pode tomar parte em sua vida e em sua atualidade espiritual através da correalização, só através do ato da

entrega e da identificação ativa. O ser absoluto não está aí para o apoio do homem, para a mera complementação de suas fraquezas e carecimentos que sempre acabam por transformá-lo uma vez mais em 'objeto' [...] As muitas doutrinas a cerca de um 'estado de natureza do homem', que se baseiam no conhecimento da história, jamais foram algo além de uma imagem que não 'esclarece' nada, mas precisa ser muito mais esclarecida histórica e psicologicamente (SCHELER, 2003, pp. 90, 93).

O homem é mais do que o seu estado atual. Assim também é Deus. O mundo está por ser descoberto. Logicamente, há essências presentes, à vista do filósofo e do antropólogo, a saber, a essência dos vegetais, dos animais e dos homens. Essas essências, porém, consistem no vir-a-ser. É porque o homem está além de si, que Deus só é verdadeiramente Deus se for tão próximo da humanidade que esteja além (ou aquém) da eternidade e atuante no tempo, como um cidadão do tempo. Deus é um fenômeno a ser estudado, visto que sem Ele, para Scheler, não é possível, de forma relevante, se conceber em que consiste a humanidade.

Ele pode não se entregar à decisão pelo lugar ao qual se sente pertencente. Pois mesmo esta ausência de decisão é uma decisão positiva em relação ao fato de que ele é um animal - e se ele é um animal - um animal degenerado. O fogo, a paixão para além de si - quer a meta se chame 'super-homem' ou 'Deus' - é a única 'humanidade' verdadeira (SCHELER, 2003, p. 122).

Se Deus não é aquele dos metafísicos, então quem é Deus? Onde ele está? Scheler diz que Deus, por não ser Aquele Todo-poderoso, criador dos céus e da terra e imutável, se auto gera e coparticipa da construção do real junto com o homem. Deus está ao lado do homem, não acima dele. Assim como reflexo do homem, no espelho não é ele mesmo, mas também não é um outro, Deus não é o homem mesmo, mas também não é um outro, distante e desconhecido da humanidade (SCHELER, 2003, pp. 90, 93).

Se o espírito, para Scheler, é espaço onde se dá todo o mundo, Deus é agente que possibilita e coparticipa da vida em suas mais diversas formas. Ele não

está além da vida material, pois vive a própria vida material em seu sentido pleno.

Relaciona-se realmente com o mundo em mutação:

Espírito e impulso, os dois atributos do ser, também não estão em si prontos: prescindindo de sua compenetração mútua, como fim último: eles crescem em si mesmos justamente através destas suas manifestações na história do espírito humano e na evolução da vida universal. As pessoas me dirão e elas já me disseram de fato que não é possível para o homem suportar um Deus imperfeito, um Deus deveniente. Minha resposta a isto é que a metafísica não é nenhuma instituição de seguros para homem fracos, carentes de apoio. É por isto que é também perfeitamente compreensível o fato de o homem só chegar àquela consciência de sua cruzada conjunta, de sua co-obtenção da divindade, no curso de seu desenvolvimento e de seu autoconhecimento. A necessidade de encontrar abrigo e apoio em meio a uma onipotência extra-humana e extramundana que é equiparada com bens e com a sabedoria é grande demais para que não tivesse rompido todas as barreiras da prudência e da reflexão nos tempos de minoridade (SCHELER, 2003, p.89-90).

A quem quer descobrir como pode o homem e Deus não se excluírem, mas coexistirem no mesmo mundo, Scheler explica que as contradições entre Deus e o homem vieram de uma compreensão errada do real. Pois se o homem não está completo, como pode Deus ser criador de algo incompleto? Deus não é criador porque nada está completo. Deus está unido ao vir-a-ser constante da vida. Ele está no mundo inacabado e anda no meio dele.

Fundamentos Últimos

E as religiões, o que fazer com elas? Scheler explica que se elas se apegam ao modelo teísta de Deus, dão lugar a inúmeras falhas. Mas se descobrem a realidade da vida e se desvencilham de verdades absolutas, não evidentes, obterão a chave para que evoluam, saindo do status de inferioridade aos olhos daqueles que se utilizam da razão para descobrirem os segredos que permeiam o mundo:

As pessoas empenharam-se durante alguns milênios em diferenciar o homem de Deus, assim como de todas as coisas intermediárias que se

tenham colocado entre ele e os deuses: por exemplo, anjos heróis, demônios, sobras, fantasmas. Elas também procuraram ‘salvar’ sua própria existência e cuidar para não cair voando em um céu qualquer. A única coisa que explicava a existência do homem e sua condição peculiar- a partir deste ângulo do olhar espiritual- era algum desacordo presente muito lá para trás no passado, mas ainda perceptível para o ouvido espiritual àquela distância: uma ‘queda’, um ‘pecado’ [...] Nesse sentido totalmente novo, o ‘homem’ é a intenção e o gesto da própria ‘transparência’, ele é o ser que reza e que busca Deus. E não é ‘o homem que reza’- ele é a prece da vida para além de si; e ‘ele não busca Deus’- ele é o X vivente que busca Deus! E ele está em condições de ser assim, na medida em que o movimento dionisíaco na Grécia já foi um tal movimento de fuga, assim como o foi também a dogmática helenística que viu a Grécia clássica com quase os mesmos com que o romantismo alemão viu a Idade Média [...] Klages parece-me não apreciar suficientemente o fato de tais imagens da história repousarem da maneira ampla possível sobre uma nostalgia de ‘juventude e primitividade’ nascida da própria hiperintelectualização, mas de nunca concordarem com à realidade histórica. Ele também desconhece que onde quer o dionisíaco e a forma dionisíaca da existência humana se mostrem como originários e ingênuos (*naïv*) - e isto nunca são completamente, uma vez que, nós o vimos, tanto a desinibição pulsional expressa quanto à ascese pulsional racional (o animal não conhece um tal estado desinibidor) são introduzidas a partir do espírito, o estado dionisíaco mesmo repousa sobre uma técnica da vontade complicada e consciente, ou seja, trabalha com o mesmo ‘espírito’ que deve ser posto fora de jogo (SCHELER, 2003, pp. 94, 109, 83-84).

Enquanto, pois, a metafísica fala do corpo e da alma como realidades criadas por Deus, Scheler entende que a alma atua juntamente com o corpo, não como uma força semelhante aos dos anjos, o que ela considera superstição, porém, como realidade igualmente indefinida, recebendo este o nome por causa da sua diferenciação, embora não contradição, da realidade corporal.

A alma, assim, em Scheler, não é a alma dos metafísicos. Não é aquela alma imortal que foi proclamada pelos filósofos gregos e cristãos. Não pode ser vista como realidade angelical ou mística. Antes, ela é a negação do determinismo sem ser metafísica. É parte da realidade material, dando limite e indefinição à mesma:

O fato de não advir ao espírito enquanto tal em geral nenhuma força e nenhum poder, nenhuma energia originária para a atividade através da qual ele pudesse antes de tudo levar a termo esta ‘destruição’, já nos impede de assumir uma tal oposição dinâmica e hostil entre a vida e o espírito. As manifestações realmente deploráveis de uma cultura historicamente

epigonal, que Klages cita em seus escritos ricos em observações sutis, não devem ser imputadas ao espírito, mas, em realidade, reduzida a um processo que denomino ‘hiper-sublimação’ a um estado de tão excessiva cerebralização do homem que razão dele e como reação a ele sempre tem lugar uma fuga conscientemente romântica para o interior de um estado (na maioria das vezes supostamente encontrado na história), no qual está hiper-sublimação, em particular o excesso da atividade intelectual discursiva, ainda não se deu (SCHELER, 2003, p. 83).

Como concluir que o corpo e alma existem para Scheler, mas não são realidades diferentes, isto é, radicalmente separadas? Essa conclusão se dá pelo fato de que Scheler não propõe, em sua filosofia, uma ontologia materialista e nem idealista. Para ele, tudo tende ao vir-a-ser, por isso, em tudo há uma essência. A essência da humanidade é que ela constantemente caminha para além-de-si

Deus, desde Aristóteles até meados da modernidade, na grande maioria das vezes, era visto como uma realidade supra-sensível, um ser metafísico, tendo a religião um caráter não mítico, porém racional, uma vez que a tradição ocidental normalmente não opunha razão e fé.

Fenômeno e Metafísica

A chamada revolução copernicana de Kant, compreendendo Deus não como uma realidade evidente, porém, apenas possível, a metafísica não como uma ciência, e a religião como o lugar da fé, diferenciada do pensamento racional, fez com que muitos pensadores posteriores a ele tratassem do tema “Deus” de maneira diferente da tradição metafísica.

É nesse contexto que deve ser entendido o pensamento de Scheler acerca de Deus, da metafísica e da religião. Para ele, ser qualitativamente metafísico, então, não é olhar por cima do muro do mundo material e contemplar o mundo dos espíritos. Ser religioso, por sua vez, deve ter como alvo a busca por uma

realidade superior, que se dá no desprezo ao material. Também Deus não deve ser buscado no alto, mas ao lado, ou seja, não deve ser concebido como um ser superior, acima da realidade humana, mas no agir e vir-a-ser do humano.

Scheler não compartilha dos postulados históricos do cristianismo, que foram definidos por filósofos metafísicos, como criação, queda, salvação, ressurreição, céu, inferno, etc. Ele não advoga a existência do teísmo. Ao contrário, ele mesmo rejeita a tradição teísta como prejudicial ao pensamento racional. Por que então falar de Deus e de religião? Porque Scheler quer reinvestigar o fenômeno Deus e religião:

No mesmo instante em que se torna consciente em geral do mundo e de si mesmo, o homem precisa descobrir, com uma necessidade explícita, o acaso peculiar, a contingência do fato de ‘que há mundo e não antes não há’ e de ‘que o mesmo é e não antes não é’. Por isso é um erro completo deixar o ‘eu penso’ (Descartes) ou ‘o mundo é’ (Tomás de Aquino) preceder a sentença universal ‘há um ser absoluto’ e querer alcançar a esfera do absoluto antes de tudo através da dedução a partir daqueles modos de ser. Consciência do mundo, do si próprio e de Deus formam uma unidade estrutural ilacerável exatamente como a transcendência do objeto da autoconsciência emergem justamente no mesmo ato, na ‘terceira reflexão’. No mesmo instante em que aquele ‘não’ à realidade concreta do meio ambiente entrou em cena, o instante no qual se constituíram o ser espiritual atual e seus objetivos ideais; exatamente no mesmo instante em que sugeriram o comportamento aberto para o mundo e a mania que nunca se apazigua de avançar ilimitadamente para o interior da esfera descoberta do mundo e de não se aquietar em meio a nenhum estado de fato; exatamente no mesmo instante em que o homem deveniente rompeu os métodos de todo viver animal que lhe era precedente para ser adaptado ao meio ambiente ou para se adaptar a ele, tomando a direção inversa: a adaptação do mundo descoberto a si e à sua vida que se tornou organicamente estável; exatamente no instante em que ‘o homem’ se arrancou da ‘natureza’ e a tornou objeto de sua dominação e do novo princípio da arte e dos signos: justamente no mesmo instante o homem também precisou ancorar seu centro de algum modo fora e para além do mundo. Ele não podia mais se tomar como um simples ‘parte’ ou como um simples ‘membro’ do mundo, sobre o qual ele tinha se colocado de maneira tão audaz (SCHELER, 2003, pp. 86-87).

Para o filósofo alemão, a religião e a metafísica tiveram início com o nascimento da falsa ideia de que o homem estava perdido, de que houve uma

queda, e de que ele precisa de salvação. Esse erro deve ser superado, para Scheler, pois se funda numa verdade não evidente, posto que o homem não pode ser concebido em sua completude e, muito menos, pode-se ter soluções últimas para os seus problemas.

Falar de Deus, segundo Scheler, não deve denotar - nem, de fato, evidenciar - superstição. O Deus que Scheler investiga é o Deus não-teísta, sendo, portanto, objeto de estudo filosófico, visto ele acreditar, assim como Kant, que houve um erro nos metafísicos gregos e medievais, o erro de quererem investigar um Deus suprassensível. Scheler, assim, busca com vigor investigar o Deus que se manifesta na matéria no próprio mundo sensível:

Não há, no homem, emoção e nenhuma ‘lei’ que não tivesse surgido ou bem na natureza que se encontra abaixo dele, ou bem sobre ele no reino de Deus, no ‘céu’: e ele só tem sua existência como uma ‘saída’ de um destes reinos para o outro, como uma ‘ponte’ e um movimento [...] [que está entre] eles (SCHELER, 2003, p. 122).

A manifestação de Deus na matéria pode estar relacionada à própria crítica de Scheler ao apriorismo kantiano e à fenomenologia de Husserl. Para ele, Kant falha ao não reconhecer que os valores, não obstante serem *a priori*, são materiais. Husserl erra, por seu turno, por transformar a fenomenologia em um método, quando, na verdade, é uma atitude. Segundo Scheler, a axiologia é tomada como uma espécie de sentimento *a priori*, que une a vontade à coisa objetiva no mundo. Se ele vê o espírito como atividade de objetivação motivada ao bem, autoconsciência e abertura para o mundo, defende uma teoria do valor material na qual os valores precedem a representação, mas não existem fora do mundo e fora dos portadores de valor, sendo hierárquicos, mas não formais, isto é, não podem ser conhecidos - se a palavra conhecimento for tomada no sentido dualista que separa o homem do mundo, mas apenas sentidos, vividos e desejados. Tudo isso fortalece a tese de que o seu pensamento se nega a pensar Deus, o fundamento da realidade, de forma dualista, tornando-o uma categoria

absolutamente transcendente e suprassensível. Ao contrário, em Scheler tanto a pesquisa da metafísica ou do fundamento da realidade quanto da ética devem rejeitar essa oposição sujeito-objeto, ser-cosmos, homem-mundo.

Conclusão

Max Scheler se opôs pelo menos a duas grandes escolas filosóficas: a metafísica – entendida no sentido clássico e ocidental – e o kantismo – rejeitando o apriorismo moral de Kant. Apesar de concordar com Kant de que não é possível o conhecimento do *númeno*, e que o Deus teísta não pode ser um objeto de estudo científico, discorda do mesmo quanto ao formalismo da sua moral, isto é, para Scheler, Kant está errado por não considerar a moral como parte do mundo fenomênico, mas intuída do *númeno*. Daí a apreciação de Scheler da fenomenologia de Husserl, mesmo desta também divergindo. Segundo Machado,

Max Scheler, procurou descobrir a partir do estudo da fenomenologia de Edmund Husserl a essência das atitudes mesmas e a relação que estas mantêm com seus objetos. No entanto, Scheler é totalmente inovador na sua teoria [...] enquanto Husserl segue um subjetivismo lógico transcendental e dá novos desenvolvimentos a intencionalidade em si mesma na sua esfera lógico objetiva. Scheler por sua vez, na sua autenticidade, "melhora" a ideia de Husserl e defende uma ética sobre bases materiais. (MACHADO, 2013, pp. 1-2).

Inovador, rejeitando pontos de vistas ortodoxos, mas fazendo, ao seu estilo, uma revisão da metafísica, do kantismo e da fenomenologia husserliana, Scheler buscou dar à investigação da ética, mediante o seu conceito de ética material e da metafísica, mediante a sua crítica ao teísmo tradicional, uma dinâmica que o seu pensamento acreditara ser crucial para o mundo ocidental.

Neste trabalho foi dado ênfase ao conceito de metafísica, de alma e de corpo em Scheler, a partir do estudo da sua obra intitulada *A Posição do Homem no Cosmos* (1928). Conquanto tratar-se de um tema tradicional conhecido como

teorético, o estudo aqui realizado revela que a revisão que Scheler faz do estudo dos fundamentos últimos da realidade implica em um novo modo de se encarar o homem e o mundo. Afinal, a mudança que Scheler propõe para o conceito de Deus leva a uma mudança no conceito de homem (antropologia), uma mudança no conceito de cosmos (cosmologia), de fenômeno (fenomenologia) e uma mudança no conceito de moral. Faz-se, pois, necessária a investigação de que até que ponto as novas ideias de Scheler sobre os fundamentos últimos da realidade trazem benefícios ou mesmo malefícios ao mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO, Marisa. *Scheler: a ética material dos valores*. UFSM, Santa Maria – Rio Grande do Sul, pp. 1-2, 2013.

SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

VOLKMER, Sérgio. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*. PUC- RG, Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas, Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 2006.